

As disciplinas nobres, as outras e as parentes pobres

Não será de começarmos a desconfiar daquilo que se exige aos alunos nestas *?disciplinas nobres??* No 1º ciclo, será mais importante que o aluno conheça as nomenclaturas (sujeito, grupo nominal, sintagmas e outras que por aí têm proliferado...) ou que saiba, preferencialmente, ler um pequeno texto compreendendo perfeitamente tudo o que ali se diz, não diz e poderia dizer?

A discussão parece demasiado antiga; mas é, ainda hoje, bastante premente.

A importância dada a certas disciplinas, ao longo de toda a escolaridade, parece ser do senso comum, inquestionável por docentes, alunos, pais, ministério e teóricos da educação em geral. A Língua Materna e a Matemática têm assumido este estatuto desde que a escola existe enquanto instituição. O que se compreende e se aceita, se tivermos em conta a índole transversal da primeira e os pré-requisitos inerentes à segunda para a maior parte das disciplinas da área das ciências exactas e não só.

O que poderá já não se entender tão bem é por que razão, sendo estas disciplinas basilares, diga-se assim, apresentam ambas os maiores índices de insucesso escolar. Um coisinho simples, como a língua que todos aprendemos a falar e a ouvir desde o berço, de forma natural, ou como as contas que se fazem quando se vai comprar um gelado ao café mais próximo... Mas não; é toda uma problemática com que as escolas se debatem, inventando salas de estudo, apoios sócio-educativos, oficinas de escrita e de leitura e outras estratégias. Para não falar no *lobby* das explicações, onde os pais gastam dinheiro, não sendo os resultados sempre grande coisa, a não ser para resolver o problema de imediato, isto é, a nota do teste e do período ou a passagem de ano.

Não será de começarmos a desconfiar daquilo que se exige aos alunos nestas *?disciplinas nobres??* No 1º ciclo, será mais importante que o aluno conheça as nomenclaturas (sujeito, grupo nominal, sintagmas e outras que por aí têm proliferado...) ou que saiba, preferencialmente, ler um pequeno texto compreendendo perfeitamente tudo o que ali se diz, não diz e poderia dizer? Chamar as coisas pelos nomes que têm auxilia fortemente a organização do pensamento; mas *?vaguear?* pela nomeação automatizando significantes, ou até significados, sem saber enquadrar nada disso na gramática do texto, parece ser um forte contributo para o desinteresse e o insucesso escolar. O novo programa de Português do Ensino Secundário, sobretudo na parte da Pragmática Linguística, sugere também algumas interrogações (por exemplo, os actos perlocutórios, ilocutórios, etc; esta terminologia difícil até para os alunos do primeiro ano do ensino superior, como vai ser recebida por jovens de 10º ano?). O que se passa é que, sendo necessário trabalhar textos não literários *? disso não há dúvida ? não parece indispensável transpor para as jovens cabeças toda a teoria linguística, por mais moderna que seja. Tem todo o sentido o seu conhecimento profundo por parte dos educadores. Isso sim; porque há a Didáctica e há que contar com ela, quando se faz um programa; isto é, com o *?saber transferir?* por parte de professores experientes.*

Algo de semelhante se há-de passar com a Matemática. Não parece ser de acreditar que sejamos *?menos aptos?* do que as outras nações para esta disciplina. Parece evidente que os adultos constroem muitas destas dificuldades, por acharem que estas disciplinas são *?muito importantes?*. E são. Mas não são únicas. Esta *?mania?* dos adultos vê-se, mais recentemente, no caso do Inglês. A língua instituiu-se como internacional. Esta importância não terá feito dos programas algo demasiado exigente? Por que razão começa agora o inglês a juntar-se aos rankings de maior insucesso? Está também a transformar-se numa *?disciplina nobre??*

E não se faz aqui apelo ao *?facilitismo?*; só à realidade.

Depois vêm todas as outras disciplinas, com maiores ou menores índices de insucesso, de acordo com diferentes variáveis: História, Geografia, Ciências - Naturais e Físico-Químicas-, Francês e outras. Já não têm a *?nobreza?* das anteriores, mas ainda são *? muito respeitáveis?* e ajudam à retenção de muitos meninos.

As *?parentes mais pobres?* são as disciplinas das áreas de expressão propriamente ditas: a Educação Musical, a Expressão Dramática, a Educação Visual e a Tecnológica e a Educação Física. Este é o estatuto que lhes parece ser dado no Ensino Regular. Quem quer melhorar estes conhecimentos nos filhos, procura os Conservatórios, Ateliers, cursos de Verão. Mas se a expressão artística se centra muito nestas áreas, convém não esquecer que os alunos também se expressam nas outras disciplinas: há expressão oral e escrita; há expressões matemáticas. Quer-se com isto dizer que a formação integrada de um indivíduo passa por todas as disciplinas e que, possivelmente, o aluno que sente com o seu corpo a música durante uma dança talvez seja mais capaz de entender a lógica matemática ou a construção de uma frase. Não que aqui se entenda que as disciplinas das áreas ditas de expressão devam ser encaradas como suporte das outras. Acredita-se, isso sim, que todas fazem igualmente parte da formação dos futuros cidadãos, que todas valem por si só, que todas têm, se quisermos, um estatuto elevado. É uma história antiga esta que tem que ultrapassar a ficção.

É preciso revalorizar a Gestão Flexível do Currículo. Os Projectos Curriculares servem exactamente para integrar todas estas formas de conhecimento, estas maneiras de sentir e de exprimir o mundo em que se vive. E que não se faça da Área de Projecto, do Estudo Acompanhado e da Formação Cívica uns autênticos *?sem-abrigo?*.

Há-de haver governantes capazes de re-equacionar e de dinamizar tudo isto.

Assim se espera.